

Vanguarda Socialista

ANO II Sexta-feira, 27 de Junho de 1947 N. 96 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação: AV. PRES. ANTONIO CARLOS, 207 — 3.º ANDAR — SALA 302 • Diretor: MARIO PEDROSA

NESTE NÚMERO:

APONTAMENTOS DE UM CRO-
NISTA, Bahia — A INDEPENDEN-
CIA DOS SINDICATOS, H. L. —
ONDE ESTÃO OS ITALIANOS RE-
FUGIADOS NA RUSSIA SOVIETI-
CA, Victor Serge — ASPECTOS ECO-
NÔMICOS Pirajá — A ALEMANHA
E O FUTURO DA EUROPA, Hein-
rich Leder.

Sai às 6as-feiras — Cr\$ 0,50

A política operaria em face da crise

M. PEDROSA.

II

A indústria no Brasil ainda se acha na primeira fase de baixa composição orgânica do capital. O traço principal da política industrialista tem sido a de defender, por todos os meios, a base técnica inicial, a de resistência, por todos os modos, à necessidade de uma acumulação ampliada em larga extensão. A acumulação não se realiza, efetivamente, mas some em outros empreendimentos, e, por assim dizer, em atividades consumidoras dos próprios industriais. Ela se processa exclusivamente pela ocupação de forças de trabalho suplementares. E a prova é que continua a registrar um aumento crescente do número de operários e sobretudo de trabalho.

Está, por exemplo, a indústria têxtil longe ainda daquela fase em que a acumulação ampliada se dá pelo levantamento do nível técnico do maquinário, pelo acréscimo de produtividade através da máquina, de modo a registrar, do outro lado, uma baixa ao menos relativa no número de trabalhadores da mesma indústria, tal como se tem processado em todos os países de indústria têxtil antiga, desde a Inglaterra, passando pela Alemanha, até os Estados Unidos. Na Inglaterra essa baixa se dava já na década de 1861-1871 e na Alemanha entre 1871 e 1875.

Todo desenvolvimento industrial aqui se tem baseado num puro aumento vegetativo do mercado interno; esporadicamente, em conjunturas favoráveis do mercado externo (como na última guerra). Graças a essa conjuntura externa, já um quarto da produção de tecidos nacional se escoava para o estrangeiro, o que concorreu, em grande parte, para levantar os preços internos. É o fenômeno mesmo que se passa com a ex-

portação mais intensiva dos produtos agrícolas do país.

Desta vez, porém, essa indústria se defronta, sobretudo, com uma saturação de mercados, isto é, com uma escassez de meios de compra tanto por parte do mercado interno super-explorado, e do externo, já desprovido de meios de aquisição e atravessado de novos concorrentes seqüiosos. Nas inconvincentes razões do presidente do Sindicato dos Industriais de Tecidos só se fala nas possibilidades imensas daqueles mercados externos, mas não se quer perceber que esses mesmos mercados já se esgota-

ram a ponto de os Estados Unidos terem agora que espalhar algum dinheiro pelo mundo afim de reanimar alguns deles.

Servem, no entanto, aquelas razões para demonstrar a mentalidade ou a ilusão em que vivem ainda hoje os industriais que só pensam em medidas intervencionistas do Governo, seja para incentivar-lhes as exportações pela desvalorização da moeda, seja para elevar as tarifas ou impedir, de qualquer modo, a concorrência externa. E até a interna.

Realmente, os mesmos sonham em continuar a usufruir do mo-

nopolio do mercado interno, de vez em quando regado por um jacto inflacionista. Pela cabeça deles não passa sequer a idéia de ampliar esse mercado por um processo inverso ao atual, que consiste, como se sabe, num aumento paulatino mas constante dos preços. Ampliá-lo pela redução dos preços afim de atingir novas camadas menos aquinhoadas de compradores, é para eles uma verdadeira heresia. No entanto, essas camadas são no Brasil numerosíssimas, já que se trata de um país cuja grande maioria da população vive em andrajos ou maltrapilha.

Se, hoje, os industriais de tecidos não estão aparelhados para essa incursão profunda nas limitadas necessidades do povo brasileiro em matéria de indumentária isso se deve à sua mentalidade tacanha de exploradores passivos da pura força de trabalho e de parasitas dos favores do Governo junto ao qual, há muito tempo mantêm excelentes padrinhos e agentes.

Na realidade, enquanto o Governo lhes concedeu o monopólio do mercado interno, até pela famosa proibição de importação de maquinários, sem falar nas tarifas elevadas, os industriais

viveram à tripa forra. Por ocasião da crise passageira de 1933, a grita foi de novo grande por medidas de proteção. "Uma das causas puramente nacionais da inflação proveio precisamente dessa crise da indústria têxtil brasileira às vésperas da guerra". A inflação no nosso país se antecipou à guerra; já em 1941 as fábricas têxteis trabalhavam em cheio, graças também aos mercados internacionais subitamente acessíveis. Dessa forma, ajudados pela inflação interna e os pedidos externos, os industriais brasileiros passaram a banhar-se em rosas e a dormir em ouro sobre azul.

"As máquinas antiquadas" a que o sr. Guilherme da Silveira se referia como conselheiro do Conselho Técnico de Economia e Finanças, num parecer sobre a "crise da indústria têxtil no período 1933 a 1941", "passaram a produzir em larga escala" para "negociantes" "habituados a lider com os artigos de procedência britânica". E, então, o atual Presidente do Banco do Brasil, sustentando, como os seus colegas ainda hoje sustentam, que aquelas máquinas "antiquadas" serviam, bastando apenas que houvesse "procura". Não se pode, contudo, manter uma indústria como a de tecidos como se mantém uma fazenda ou uma propriedade territorial. Esta se ampara num monopólio natural — o da terra. Com efeito, por mais antiquados que sejam os seus métodos de trabalho, por pior que seja o rendimento de sua terra, cansada, pobre ou safara, uma propriedade fundiária tem sempre um momento em que a procura de artigos agrícolas é de tal ordem generalizada que ela acaba dando pingües rendas. Em geral uma guerra de proporções com a última cria dessas conjunturas favoráveis até às piores terras e fazendas.

Os industriais brasileiros querem viver fiados num monopólio desses. Mas como o deles não pode ser natural, a exemplo do territorial, toda a sua preocupação consiste em fazer com que o Estado mantenha o seu monopólio artificialmente. Estão convencidos de que seria uma-

Continua na pág. 2

Apontamentos de um cronista

Nos estudos que fizemos sobre a situação internacional, quando da realização da Conferência de Moscou, prevíamos a divisão da Europa em dois blocos, como uma resultante imediata do fracasso em conseguir uma solução para o problema alemão, condizente com os interesses dos povos europeus. O que hoje estamos assistindo, depois do fato consumado húngaro e da proposição de Marshall, no sentido de organizar a Europa não russa, — vem confirmar as nossas sombrias previsões de que o retardamento da solução do problema alemão teria como consequência a divisão da Europa contra si mesma, por duas potências não européias. O que hoje já assistimos é a consolidação de blocos que marcham para posições irredutíveis, diminuindo dia a dia a possibilidade de um acordo geral ou de um compromisso que permitisse um equilíbrio internacional provisório.

O problema alemão continua sendo o nó do problema europeu. Dividida a Alemanha, divi-

dida está a Europa — basta olhar para o mapa — quer queira ou não o comentarista de um dos nossos majestuosos que descobrem predileções religiosas influenciando na solução anglo-americana para o problema alemão.

A Europa não pode ser dividida artificialmente por baionetas, nem tão pouco unida sob a hegemonia de uma potência seja ela ou não européia, com a Rússia e os Estados Unidos, ou seja

européia como a Alemanha. Tanto a divisão como a união nas condições acima apontadas não correspondem aos reais interesses dos povos europeus e aos da paz; ambas tendem a transformar a Europa num campo de batalha como já o foi em 1914 e em 1939; como já ameaça ser agora, pela transformação dos povos europeus em exércitos merce-

nários de duas potências não européias.

A unificação da Europa é um imperativo da interdependência econômica de seus diversos países e só pode ser conseguida pela superação de suas economias nacionais. O fator Império que permitia o nacionalismo econômico de certas potências européias tende a desaparecer engulido pela voracidade dos imperialismos extra-europeus e pelo desenvolvimento das economias nacionais de suas antigas colônias.

★

Era inevitável que as grandes potências, não tendo obtido acordo à base de compromisso, enveredassem pelo caminho dos fatos consumados e o da formação dos blocos. É o velho dilema da política de poder: o que não pode ser resolvido por bem, por compromisso, por equilíbrio de poder, terá que ser resolvido, mais cedo ou mais tarde, por uma aferição de forças prática e concreta. Daí então, atinge esta fase das relações entre as grandes potências o caminho para a guerra está aberto, o histerismo militar, a preparação ideológica para a carnificina, a insegurança que atinge povos e dirigentes, o medo que paralisa a imaginação, se incumbem de levar os homens

Continua na pág. 2

ONDE ESTÃO OS ITALIANOS REFUGIADOS NA RUSSIA SOVIETICA?

Por VITOR SERGE

Desejava cumprir um dever propondo aqui uma questão: que destino tiveram os refugiados políticos italianos chegados à Rússia durante a revolução e em sua maior parte desaparecidos logo após, nas prisões da GPU? Agora que se restabeleceram as relações entre a Itália Libertada do Fascismo e o Kremlin estes refugiados, ou pelo menos os que sobreviveram (se os há) poderiam ser repatriados. Eram homens excepcionais por seu idealismo e pela energia de seu caráter que poderiam ser úteis em uma Itália nova, necessitada de homens valentes. Não temos o direito de esquecê-los. Se morreram temos o direito de perguntar quando e como morreram. Deixei a Rússia em 1936, perseguido por uma ordem de Stalin e apenas conseguindo livrar-me da G. P. U. Ao cruzar a fronteira jurei defender a vida e o direito à liberdade de opinião dos socialistas, dos sindicalistas, dos anarquistas e dos comunistas de oposição que deixava atrás de mim, nos cárceres, nos campos de concentração e nos lugares de exterminio. Conheci estes lugares por ter sofrido dos mesmos males que eles. Jamais esquecerei a proibição, o valor e a inquebrantável consagração destes homens aos grandes ideais do socialismo. Havia entre eles muitos italia-

nos de qualidade. Aqui estão alguns nomes.

Franco Ghezzi. Se ainda está vivo, deve ter uns 50 anos. Operário milanês, militante da União Sindical Italiana, anar-

quista desde 18 anos de idade fora obrigado a refugiar-se em Moscou por causa das perseguições policiais, em 1921. Fiel às suas idéias recusou-se a aderir (Continua na 3.ª pág.)

Federação Mundial dos Sindicatos

Os delegados da Grã-Bretanha e dos E.E.U.U. no Conselho Geral da Federação Mundial de Sindicatos, reunido em Praga, apolaram a resolução que propõe seguir os sindicatos alemães filiados à F. M. S., mas se opuseram à cláusula sugerindo que as reformas agrárias instituídas na zona de ocupação soviética na Alemanha sejam estendidas às demais zonas.

Concordando com a proposta de eliminação da referida cláusula, formulada por James Carey, dos E.E. U.U., o delegado britânico, George Gibson declarou que se sabia muito pouco a respeito da reforma agrária na zona soviética. Carey, por sua vez, disse que temia que, pelo plano russo, os trabalhadores ficassem com pedaços de terra muito pequenos e lembrou ao Conselho que os dirigentes das zonas britânica e norte americana já tinham adotado a política de dividir os grandes latifúndios.

A Federação Mundial Sindical

admitiu cinco representantes trabalhistas alemães como visitantes, tendo imediatamente depois dos delegados do França e da Polónia manifestado que, pelo menos sob as atuais circunstâncias, os sindicatos alemães não merecem ser admitidos na Federação Mundial. O sr. Gaston Monmousseau, delegado da França, declarou: "Não podemos esquecer. Passaram-se apenas três anos depois da libertação". E acrescentou que "é preciso primeiro que a F. M. S. se certifique de que foram eliminados todos os vestígios de espírito de vingança e militarismo dos sindicatos alemães". O sr. Kurylow, secretário-geral do Confederação Geral dos Trabalhadores da Polónia, declarou que os sindicatos alemães ainda não estão em condições de ser admitidos ponderando que "sob a atual divisão de zonas, e desnazificação não se tem processado de maneira suficientemente rápida e completa".

solidação das Leis do Trabalho. Assistiram à solidariedade o presidente Dutra, o cardeal Jaime Camara, altas autoridades civis e militares, e os tubarões Robert Simonsen e Euvaldo Lodi (presidentes das duas associações de Industriais). A sessão foi presidida pelo ministro da Indústria e do Comércio, Sr. Morvan Figueiredo, que fez um discurso. Preside a novel entidade ministerialista o burocrata amarelo Decleciano de Holanda Cavalcanti.

Em nome dos burocratas sindicais ministerialistas falou o Carvalho Filho, da Federação dos Trabalhadores na Indústria Alimentícia, que leu o discurso que lhe foi escrito pelos funcionários do Ministério do Trabalho.

As custas do imposto sindical foram trazidos ao Rio, para a solenidade, delegações de sindicatos de todo o país, para os quais o Serviço de Recreação Operária (Tradução crioula nazista "Alegria pelo Trabalho") organizou um programa de passeios e festas.

O ministro da Indústria e do Comércio fez mais um discurso vazio e mistificador, mas que, nas entrelinhas, explica muita coisa. Por ele podemos constatar que a tendência atual do Ministério do Trabalho, ao criar essas federações e consolidação das Leis do Trabalho, é dar a essas organizações uma forte preeminência.

O Ministério do Trabalho, do-
travante, somente tratará as
questões com as direções das
confederações e federações, as
quais inteiramente sem contato
das massas, facilmente man-
ejadas servirão de correias de
transmissão das ordens minis-
teriais com os sindicatos. O Mi-
nistério do Trabalho quer evitar
negociações diretas com os diri-
gentes dos sindicatos, que, pelo
contato com a massa, sofre a
influência dessa e às vezes não
têm liberdade de ação para ac-
celar o que o Ministério do Tra-
balho quer impor.

De outro lado, a burocracia
Continua na pág. 2

A INDEPENDENCIA DOS SINDICATOS

É preciso sempre que se acen-
tue que o movimento sindical
é independente ou não passa
de mera mistificação. Somen-
te a independência é que o
torna instrumento de defesa das
condições de trabalho e de exis-
tência da classe operária.

É bem claro que, subordinados a patrões ou a governantes, transformados em órgãos auxiliares do Estado, como o determina a legislação brasileira, ou em organismos de conciliação como o querem os agentes do capitalismo na classe operária, os sindicatos não poderão e não podem empregar-se na defesa das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores.

A não ser que conquistem e mantenham intransigentemente a sua autonomia, os sindicatos terão de curvar-se a "interesses nacionais", mascara sob a qual se escondem os interesses capitalistas. Não podem, como "órgãos auxiliares do governo," como manda a Consolidação das Leis do Trabalho, defender até as últimas os interesses proletários tanto mais que, por seu próprio caráter de "órgão auxiliar", é forçado a levar em conta os interesses do próprio go-

verno, que acabam por dominar inteiramente, forçando os sindicatos a aceitar as determinações governamentais, que visam antes e acima de tudo a defesa dos interesses do Estado, que, em última análise, são os interesses da classe dominante encarada em conjunto.

A defesa intransigente das condições de vida e de trabalho do proletariado só pode ser feita, se os sindicatos órgãos independentes. Essa independência é que lhes dá a força para resistir à pressão do governo e dos capitalistas. E essa independência só pode existir enquanto subsistir a autonomia orgânica e administrativa dos sindicatos e enquanto essas organizações, para a defesa das condições de vida e de trabalho do proletariado, podem escolher, sem estar subordinados a ordens governamentais, o meio de luta eficaz para a obtenção de seus objetivos, seja a greve, o boicote ou qualquer arma de luta.

Essa independência torna-se cada vez mais necessária nos dias de hoje quando os burgueses são levados a entregar a defesa de seus próprios interesses

(Continua na 3.ª pág.)

(Continuação da 1.ª pág.)
injustiça tremenda fazê-los sofrer qualquer concorrência, tanto por parte de produtores nacionais como de fabricantes de fora. Uma tal concorrência viria obrigá-los a melhorar a qualidade do produto ou a barateá-lo, pela aquisição de novos maquinismos mais produtivos.

Entretanto, aí está: a crise de 38 voltou com uma gravidade multiplicada muitas vezes. Chegamos simultaneamente ao fim do processo inflacionário e ao desaparecimento dos mercados exteriores. Aquelas "maquinarias antiquadas" que, então, para o sr. Guilherme Silveira, ainda davam para fornecer artigos a antigos fregueses de tecidos ingleses, e, sobretudo, para ganhar rios de dinheiro (como a propriedade territorial ruim em época de grande procura) já não podem, contudo, aguentar um novo páreo, duríssimo, da concorrência internacional. Quanto ao mercado interior, este sumiu na voragem da inflação.

Se querem os industriais recriar o último, terão que trocar as "maquinarias antiquadas" por outras novas; do contrário, os concorrentes internacionais vararão as muralhas das tarifas e virão vender seus produtos aqui dentro, por preços mais altos do que os nossos. Muita gente pensou que a lei era realmente um meio de combate aos fabulosos lucros de guerra; puro engano. Na verdade ela apenas dava aos afortunados senhores um meio de escapar a ameaças futuras de impostos confiscadores sempre possíveis, num país que se via agitado quase revolucionariamente, em campanha aberta para a derrubada da ditadura.

Não tendo por onde fugir, os industriais fingiram obedecer à lei, e fazer, no Banco do Brasil, grandes depósitos chamados então, de "certificados de renovação industrial". Esses depósitos eram a válvula de escape necessária contra a pressão pública revoltada contra o escárnio dos lucros extraordinários, em face dum povo em marcha para a falência.

Gracias aos depósitos retiravam os magnatas, na verdade, grandes partes desses lucros do onus de pagar impostos. Por outro lado, esses depósitos, que se destinavam teoricamente a novas inversões, davam aos seus depositantes um magnífico ar de capitalistas progressistas, ciosos de introduzir nas suas indústrias os últimos aperfeiçoamentos técnicos. Calculou-se, na época, que a soma total dos "certificados" subia a quase dois bilhões de cruzeiros.

Afim de comprovar o destino daqueles, fizeram os depositantes vastas encomendas de maquinários novos na Suíça, Inglaterra e Estados Unidos, no valor de um

bilhão e seiscientos milhões de cruzeiros. Mas era tudo para inglês ver. As encomendas eram fictícias, pois precisavam para ter andamento naqueles países que os nossos industriais as "confirmassem". Com efeito, elas foram feitas sob a condição da cláusula de "ulterior confirmação". E quando os fabricantes suíços, americanos e ingleses pediram confirmação, raras foram as encomendas confirmadas! No entanto, ainda agora, vem o sr. Galliez, secretário do sindicato patronal textil, pelos jornais, citar justamente aquelas encomendas como prova da disposição dos industriais em inverter parte dos seus lucros de guerra em máquinas e melhorias tecnológicas!

Ao contrário do fim ostensivo daqueles dois bilhões de cruzeiros, os "certificados de renovação industrial" serviram apenas para calar a boca ao clamor público que se levantou ao terminar da guerra, contra os aproveitadores da guerra, e dispensar os seus donos de verter essas somas fabulosas em impostos. E Pirajá, já então, perguntava: "Conseguida como foi agora a ambiciosa permissão para o levantamento de 'certificados de renovação' (permissão concedida pelo próprio governo Dutra!), veremos a que ficará reduzida a estatística levantada pela Comissão Textil referida ao montante das encomendas de novas máquinas dos já mencionados centros manufatureiros". A pergunta é hoje mais pertinente do que nunca.

E com a precisão marxista que o caracteriza, o nosso camarada previa: "Enquanto lhe for possível manter fechado o mercado interno aos concorrentes estrangeiros e enquanto margem hou-

ver para exportar suas manufaturas para os mercados externos que atualmente delas estão precisando, não se deve esperar qualquer tentativa séria no sentido de se proceder à renovação do parque industrial brasileiro". A previsão é agora confirmada tinton por tinton.

Ao invés de empregados em compra de maquinismos novos, os depósitos estão sendo reclamados pelos próprios industriais. Com efeito, a choradeira atual é para impressionar o general Dutra e obter deste a restituição, pura e simples, de toda aquela dinheirama que a célebre "lei contra os lucros extraordinários" havia forçado os seus donos a deixar nas mãos do Governo. A restituição dos cobres, eis o de que estão agora tratando junto ao chefe do Executivo, os tubarões que tanta piedade causam à "Tribuna Popular".

N. R.

A política operária em face da crise

A crise, que até bem pouco tempo, negavam, lhes serve agora de pretexto para reembolsar, na sua integridade, os lucros de guerra. E depois disso ainda teem coragem em ameaçar com o fechamento das fábricas! Mas esse é um assunto diferente, que teve de ficar adiado ainda para a próxima vez, dadas as proporções deste artigo.

CLAMOROSA INJUSTIÇA NO JULGAMENTO DO DISSÍDIO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DESTA CAPITAL

Por um lapso de revisão, a matéria publicada nas edições ns. 94/95, subordinada ao título acima, saiu sem a indispensável assinatura.

Caríoca, nosso assíduo e eficaz colaborador, eis o autor dos comentários publicados.

N. R.

Apontamentos de um cronista

Continuação da 1.ª página
para o abismo, se encarregam de tornar os fatos incontroláveis e levar os estadistas à babelolândia, à terra das mil línguas e outras tantas mil incompreensões.

Os indícios de guerra próxima saltam aos olhos. E embora pareçam brotar como plantas malignas, de um trágico pesadelo, não podem ser escamoteados para que nos reste ao menos o consolo de escorregarmos para o abismo com os olhos abertos. Só se enfrentarmos em todos os seus aspectos a crua realidade, alguma coisa poderá ser feita, ilhotas de resistência consequente poderão surgir para osbruir o caudal melancólico, e impedir que os homens se deixem arrastar, mais uma vez, a morrer improficuamente.

Admite-se nos círculos privados de Washington como provável o próximo afastamento da Rússia da O. N. U. E isto não deixa ser um fator alarmante, embora não jamais tivéssemos julgado a O. N. U. uma panacéia universal, destinada a conseguir uma paz por cima da política de poder das grandes potências. O nosso alarme resulta do fato de a considerarmos um pacto entre os grandes, o que vale dizer que o afastamento da Rússia, representa intrinsecamente um rompimento formal, uma confissão de que não existe mais uma mesa comum para discussão dos problemas em litígio, por terem eles atingido tal agudeza que não existe base para compromissos estáveis.

As divergências que separam a Rússia e os Estados Unidos são de tal ordem e profundidade que parece até estúpida a farsa que os delegados à O. N. U. representam. Em torno da questão atômica desenvolveu-se um amontoado processual, de tal forma amaranhado, que é temível querer penetrá-lo. Toda a complexidade, toda a chicaneria, que em Lake Success se perde em tinta e em papel só servem para preparar ideologicamente o mundo para a guerra, enquanto se discute o desarmamento...

E, no entanto, a esterilidade dessas discussões atômicas intermináveis ressalta do momento em que resumimos as duas posições, russa e americana, em relação ao problema do controle atômico: — a Rússia deseja que os Estados Unidos destruam os seus estoques atômicos, incluindo a bomba atômica dentro do esquema geral do desarmamento, sem admitir, todavia, qualquer inspeção internacional dentro de suas fronteiras; os Estados Unidos têm como condição inicial o estabelecimento de uma inspeção internacional...

É evidente que os Estados Unidos não concordarão, de maneira alguma, em destruir seus estoques atômicos, sabendo, como sabem, que eles constituem os argumentos realmente eficazes com que contam para neutralizar a hegemonia que o exército russo mantém sobre a Europa.

A Rússia e os Estados Unidos, na luta que sustentam pelo domínio da Europa, apresentam-se com duas estratégias distintas, dois métodos de ação. Todavia, ambos assentam suas estratégias numa base única: a miséria em que jaz o continente europeu. E exploram-na...

Os Estados Unidos acenam à miséria com milhões de dólares

sonantes, que se traduzem em trigo, carvão, etc. A Rússia fermenta a miséria, através de seus partidos comunistas, aprofundando crises, visando enfraquecer as resistências ao seu avanço. Um suborno, corrompendo pela fome o outro condena à morte, pelo debilitamento.

Passado o primeiro impacto do lançamento da doutrina Truman, ensaiada espetacularmente na Grécia e na Turquia, a resposta russa, ao movimento de estrangulamento econômico à longo prazo, não tardou. Consumou-se na Hungria. Sentindo o dólar às suas fronteiras estratégicas nos Balcãs, e calculando os efeitos poderosos de sua ação após a ratificação dos tratados de paz, no dia imediato ao dessa ratificação pelo Senado americano, golpeou a Hungria, apresentando aos Estados Unidos um fato consumado. Ao mesmo tempo, que, promoveu a consolidação de sua posição balcânica por uma ação fulminante da N. K. V. D.

Assim, a questão de saber se a Rússia sairia ou não dos Balcãs ficou separada, por um lado, por não ter sido formulado o tratado de paz para a Austria — o que permite a presença de tropas russas nos Balcãs para garantir as linhas de comunicações do exército de ocupação na Austria, — e por outro lado, pela ação da N. K. V. D., que liquidando as oposições balcânicas, tende a instalar ali sólidas ditaduras comunistas.

Esse movimento russo de ratificação e consolidação de suas linhas compreende, para um futuro não longínquo, um desenvolvimento ofensivo de larga envergadura, com sólidas perspectivas de êxito, e que poderá levar a Rússia, até o fim do ano, a dominar a Europa. Esse desenvolvimento visa o cerco da Alemanha pelo sul, em etapas sucessivas. Uma vez consolidada sua posição balcânica, a Rússia terá todo o interesse em ratificar os tratados de paz, uma vez que eles compreendem o tratado de paz com a Itália, ocupada ainda por tropas anglo-americanas. A ratificação importa na retirada dessas tropas, deixando campo aberto à ocupação do norte da Itália pelo exército de guerrilheiros que já exercitam suas atividades, segundo nos informa o comentarista Walter Lipman.

A ação desses guerrilheiros armados pela Rússia, através da fronteira iugoslava, as greves promovidas pela Confederação Italiana do Trabalho dominada pelos comunistas e socialistas de Neni objetivam o arranque do governo cristão-democrata o controle de suas fronteiras externas e desvirilizar o seu poderio interno.

O prolongamento dessa estratégia atinge assim as fronteiras da França, dentro das quais atua o partido comunista francês e onde se formam já os maquis de uma nova resistência ao estrangeiro.

Na França, as sucessivas greves promovidas pela C. G. T. têm por fim solapar o governo Ramadier, derrubá-lo, forçar a volta dos comunistas ao poder, já então com o controle dos postos-chaves do mesmo, no sentido de paralisar o movimento de inclusão da França num "bloco ocidental".

Na Alemanha, a propaganda russa atinge diretamente o coração dos alemães com a palavra de ordem de centralização

versus federalismo. Neutraliza por outro lado, a odiosidade provocada pela sua política de reparações, acenando com a promessa aos alemães de que, no momento em que eles caminhem com a Rússia, terão tudo de novo.

Paralelamente, este movimento de cerco da Alemanha se apóia numa manobra de flanco contra a Grécia e a Turquia, através de recrudescimento das atividades dos guerrilheiros gregos e da intensificação da pressão diplomática da Rússia sobre a Turquia, na questão dos Dardanelos e Arménia. Este movimento paralelo teria por objetivo desviar as maiores atenções dos Estados Unidos para o petróleo do Oriente Médio, permitindo, assim, um desenvolvimento menos agudo da ação de cerco da Alemanha.

Cercada a Alemanha, a Rússia então sentaria na mesa de conferência de Londres em posição de forçar aos Estados Unidos a aceitação de um Munich na Europa, em troca da paralisação de seu expansionismo sobre o Oriente Médio.

O plano de reabilitação econômico apresentado por Marshall na Universidade de Harvard tem como objetivo neutralizar essa ofensiva russa, assegurando a estabilidade dos governos que resistem à pressão comunista. Importa ele, por outro lado, na adoção, pelo Departamento de Estado, o qual tem como premissa o ponto de vista de que é necessário organizar a Europa não russa sem a colaboração da Rússia e mesmo contra a Rússia.

Por isso mesmo, os Estados Unidos adotaram para a Europa não russa, compreendida a zona alemã anglo-americana e francesa, uma política de conjunto, supra-nacional, que visa organizar e planejar a formação de um bloco ocidental, solidamente ligado aos Estados Unidos. Não se trata mais de fornecer empréstimos ao governo francês, inglês ou italiano, mas planejar a produção e distribuição de carvão, de trigo, etc., entrando os Estados Unidos com os elementos necessários a suprir os déficits de produção da zona compreendida no planejamento.

O fato mais importante desse planejamento é a inclusão do Ruhr num novo sistema de economia ocidental, tendente a separá-lo economicamente do resto da Alemanha. Por outro lado, o planejamento envolve uma modificação substancial da posição francesa em relação a sua política para com a Alemanha, no que se refere ao carvão e ao nível industrial ao Ruhr. O governo Ramadier acedeu, ante a pressão de Bevin em modificar a política francesa, não se opondo a um maior estocamento de carvão do Ruhr pelos anglo-americanos, no sentido de aumentar a produtividade daquele vale industrial. A atitude francesa vinha sendo até então contrária ao estocamento de carvão, exigindo que o carvão do Ruhr fosse desviado para a reconstrução francesa.

Não resta a menor dúvida que o plano Marshall obteve uma grande vitória em face do apoio que lhe deram os governos da França, da Inglaterra e da Itália. E esse apoio se justifica no círculo vicioso em que se debatem as economias e planejamentos nacionais daqueles países a braços com anormais im-

portações de trigo e carvão, as quais desviavam os recursos (os empréstimos americanos) necessários à reconstrução dos meios de produção, sem os quais não poderiam exportar e pagar os empréstimos, o que os levava a necessidade de novos empréstimos.

A proposta de Marshall tem a vantagem de romper o círculo vicioso, pois os auxílios americanos aos comitês de carvão, trigo, etc., não sobrecarregarão mais os compromissos em dólares dos países compreendidos no planejamento, desafiando suas economias e liberando recursos para a renovação de seus meios de produção.

O entusiasmo de Bevin, por outro lado, se justifica pela preocupação do governo inglês em salvar o governo Ramadier em face da ofensiva comunista sobre a Europa. Na hipótese de que os comunistas vençam na França e na Itália, a Inglaterra ficará isolada do continente e será lançada nos braços dos Estados Unidos no papel de baluarte contra Rússia.

E de todo interesse pois da Inglaterra garantir a estabilidade do governo Ramadier aproveitando-se das contradições da luta imperialista para vencer a crise e conseguir organizar um poderoso bloco que equilibre o poderio dos dois super-imperialismos. Na habilidade com que os governos trabalhista inglês e o francês utilizam os recursos americanos, repousa a única perspectiva de paz para mais alguns anos.

O tempo, somente o tempo, pode criar as bases para uma outra espécie de paz, que supere os blocos, unifique a Europa sem imperialismos e transforme os imperialismos de hoje internacionalmente em regimes trabalhistas, socialistas e verdadeiramente pacifistas. Dentro porém da análise dos fatores atuais as perspectivas são ainda sombrias.

BAHIA.

P. S. — Dedicaremos aos wallacianos, na primeira oportunidade que tivermos, um artigo especial sobre as manobras desse político profissional americano, transmutado, na confusão da vida moderna, em um idealista, no bom sentido!!!

B.

Vanguarda Socialista

Semanário marxista de interpretação e doutrina
Ano II — 27 de Junho de 1947
— N.º 96 —

Diretor: MARIO PEDROSA
Secretário: HYLICAR LEITE
Redação e Administração:
Av. Pres. Antonio Carlos, 207 —
3.º andar, grupo 302 sala C
Rio de Janeiro

Assinatura anual Cr\$ 30,00
Número avulso Cr\$ 0,50
Nos Estados Cr\$ 0,60
Número atrasado Cr\$ 1,00

OS cheques ou vales postais devem ser emitidos em nome de HYLICAR LEITE.

SUCURSAL EM SÃO PAULO
R. do Carmo, 72 sob., tel. 3-9242
Direção: João da Costa Pimenta

"VANGUARDA
SOCIALISTA"
O jornal do
proletariado

Mais um órgão...

Continuação da pág. 1

sindical ministerialista nascida há cerca de 16 anos e amamentada pelo Estado, chegou o ponto de desenvolvimento máximo. Já desapareceu a antiga igualdade no seu seio. Instalou-se o domínio dos bonzos, os Calixtos, os Carvalhais, os Holanda e caterva que gozam os grandes privilégios e se transformam pouco a pouco nos agentes número um do Governo no campo das instituições ministerialistas, apelidadas de sindicatos.

Em seu discurso, o ministro da Indústria e do Comércio novamente falou em Leão VIII e na "paz social". Mas tanto o papa como a "paz social" são compreendidos morvanicamente, isto é, em termos de sujeição da classe operária ao Estado. "Paz social" significa para o sr. Morvan a extinção do direito de independência da classe operária, com a sujeição dos sindicatos ao Estado, e a proibição da greve como arma proletária.

Todas as promessas do Governo do sr. Dutra aos proletários não passam de meras mistificações, tanto mais que o próprio presidente da República declarou que manteria o sr. Morvan Figueiredo à frente do Ministério do Trabalho. Essa manutenção significa apenas que faz política contrária aos interesses dos tubarões dos lucros extraordinários, está disposto no campo do Trabalho a aceitar as reivindicações dos industriais de descarregar o peso da crise para os ombros da classe proletária.

A presença do sr. Morvan Figueiredo vice-presidente da Federação das Indústrias, a orga-

nização que ameaça o governo com o "lock out" das fabricas para conseguir a modificação da atual política financeira mostra simplesmente que os trabalhadores devem tomar todas as medidas para defesa de suas condições de vida e de trabalho exigindo a adoção do controle operário da produção e a permanência do trabalho das fabricas, nem que seja preciso que estas sejam ocupadas pelos trabalhadores. A não ser assim o sr. Morvan Figueiredo, cumprindo as determinações da Federação das Indústrias, acabará por assentar golpes mortais aos atuais salários das classes trabalhadoras.

Punição para os que divulgarem segredos de Estado na URSS

A emissora de Moscou transmitiu, recentemente, uma ordem do Presidente do Soviet Supremo, determinando severas punições para todos que divulgarem segredos de Estado ou que perderem documentos contendo segredos.

A referida ordem diz que a divulgação de segredos de Estado, se não for considerada traição ou ato de espionagem, será passível de penas de prisão de 3 a 12 anos nos campos de correção, nos casos de os culpados serem civis. Se os segredos forem divulgados por militares, a pena será de 10 a 20 anos nos campos de correção.

A perda de documentos contendo segredos de Estado implicará na detenção por 4 a 10 anos, nos casos em que os culpados forem civis; para os militares, a pena será de 5 a 12 anos de detenção.

Aspectos economicos

(Continuação da 4ª pág.)

para a indústria e para a lavoura, o desequilíbrio da balança comercial se dará certamente de modo desfavorável ao nosso país.

A afirmação do sr. Silveira de que "é lícito esperar que, à medida que se opere a reconversão industrial das potências aliadas, maiores serão nossas possibilidades de aplicação daquêles saldos na compra de máquinas e material de transporte", teve pouco mais vida do que as rosas de Malherbe; revelou-se de uma falta de solidez só comparável a de castelos erguidos na areia (os grifos são nossos). Não é de surpreender, pois, que a notícia de que o governo da restabelecer o controle do câmbio tenha repercutido nos meios financeiros como "se uma grana da houvesse estourado", tão inopinada e tão brutal foi a informação.

Tão seguros estavam das nossas previsões que chegamos a advertir os nossos leitores de que "a celeuma inusitada em torno de uma simples publicação rotineira na vida de todas as sociedades anônimas, como a que se está fazendo em relação ao relatório do Banco do Brasil, poderia levar-nos a conclusões nada tranquilizadoras no que se refere ao estado de sanidade mental do mesmo dr. Silveira". Realmente só mesmo muito alheamento do que estava ocorrendo nas relações comerciais do país com o estrangeiro, poderia levar o presidente do mencionado banco a afirmar, nas vésperas de esgotarem-se os saldos em ouro que ali existiam a disposição do nosso banco, que "os recursos", isto é, que os Cr\$ 6.844.509.024,90 que a tanto montavam ditos saldos, "adicionadas às reservas em ouro, legitimam a presunção de que o Brasil pode encarar confiadamente a fase de intensa solicitação de divisas que se aproxima com a normalização do comércio internacional".

Essa uma das pontas do dilema; a outra seria a quase obcecção que tem o sr. Guilherme da Silveira de se conservar na presidência do Banco do Brasil, necessitando para isso, talvez, convencer o sr. presidente da república das suas excepcionais qualidades de financista. Todo o seu trabalho, porém, não bastou para evitar que o ouro tão duramente acumulado nos bancos estrangeiros, fossem gastos com a aquisição de quinquilharias, de objetos de luxo, das bugiarias todas com que os exportadores americanos atulham o mercado brasileiro.

Tudo aquilo, observador que, menos apaixonadamente do que o presidente do Banco do Brasil, analisou a composição dos saldos que se estavam acumulando no estrangeiro às custas do sacrifício do povo brasileiro, terá verificado que uma boa percentagem dele resultava de transações com países de moeda bloqueada; nem todos os milhões de cruzeiros que possuía o Brasil no exterior se compunha de moeda de curso internacional. Nada menos de Cr\$ 2.808.000.000,00 não eram repre-

sentados por dólares, a única moeda, hoje em dia, de curso internacional.

Ora, a balança comercial com os Estados Unidos deixara, rápida e assustadoramente, de ser positiva em favor do nosso país, sendo assim fatal que se esgotassem as divisas com que devia o país contar para comprar a aparelhagem necessária à renovação do parque industrial do Brasil, dos seus meios de transporte, sem o que desapareceremos como nação independente. Nesse sentido é perfeitamente justo o dilema de Euclides da Cunha: progredir ou desaparecer.

Os leitores de VANGUARDA

A Alemanha e o futuro da Europa

(Continuação da 4ª pág.)

to de massas desclassificadas e à reviravolta na política russa, é convenientemente desprezada. As consequências disso se revelarão à administração sob a forma de déficits maiores que os Estados Unidos terão de financiar a fim de sustentar os governos de ocupação e de conservar a cooperação "amiga" dos países ocidentais. Com isso, aumentará também a má vontade dos Estados Unidos em pagar as contas de uma política exterior incapaz de reconstruir uma no-

va economia mundial ou de chegar a uma nova estabilização.

As massas da Europa, especialmente da Alemanha, estão se apercebendo da fatalidade que paira sobre o destino dos Estados Unidos. Estão começando a ver a fraqueza inerente da posição e a falência da política americana, e ao mesmo tempo sentem-se transbordar de ódio pelos senhores estrangeiros que as matam a fome.

F. A. Voigt, liberal conservador inglês e um dos homens mais bem informados da Inglaterra, publicou no número de Março

da revista "Nineteenth Century and After" uma declaração sobre os acontecimentos na Alemanha e na Rússia, com que estamos de pleno acordo, e que citaremos a seguir, para terminar o nosso artigo.

"Os alemães", diz Voigt, "foram frustrados de sua própria revolução, pelo menos nas três zonas ocidentais, e especialmente na zona britânica. Uma revolução falsificada, que nada tem de alemã, produto de espíritos ócos e hipocritas, lhes foi imposta. Aceitam-na porque estão por demais vencidos, cansados, gelados e famintos para resistir. Mas virá o dia em que eles vão resistir, e com sucesso.

"Como não podem ter a sua própria revolução (pois nada podem ter, pelo menos por enquanto, de seu), escolherão, como já estão escolhendo entre a falsificada e a verdadeira.

"A revolução que lhes foi imposta na zona russa não é falsificada. Não é a sua própria revolução, e tem mais o caráter de contra-revolução do que o de revolução, — é com efeito parte da contra-revolução geral que está, sob a liderança autocrática da Rússia, desmanchando a obra da revolução nacional e social da primeira guerra mundial, e estabelecendo o absolutismo burocrático em todos os países do Báltico ao Egeu, excetuando a Grécia. Mas embora seja uma imposição exterior, não é uma impostura, e seus efeitos não poderão ser obliterados, enquanto que da revolução falsificada da Alemanha ocidental nada restará.

"O que as potências ocidentais, principalmente a Grã-Bretanha, estão impondo nas suas zonas sob o nome de democracia é ininteligível aos alemães, que acreditam que a democracia é algo de muito diferente — como em verdade o é. O que a Rússia está impondo na sua zona com o mesmo nome, também é algo de diferente, mas é inteligível, especialmente para os alemães, porque tem muita coisa em comum com o nacional socialismo.

"Os alemães não sabem mais do que qualquer outro povo se vai ou não haver outra guerra. Sabem, porém, que as coisas não vão ficar como estão, e que a própria estrutura da Europa, toda a sua ordem política e moral tem de mudar. Sabem que um conflito gigantesco se desenrola no mundo. Sabem que as potências ocidentais, especialmente a Inglaterra, estão conduzindo uma guerra de opereta, enquanto que os russos estão empenhados em uma verdadeira guerra, uma guerra revolucionária, ou melhor, contra-revolucionária, em que estão alcançando grandes vitórias. Vêm que as conquistas russas se estendem, que ela pode dominar toda a Europa e muito mais, sem a luta aberta, pelas armas — como poderia ter feito a Alemanha se Hitler não tivesse desencadeado o conflito (?). A esta altura, os alemães sabem muita coisa sobre a guerra e a revolução — muito mais do que os que se arvoraram em seus "re-educadores".

"... Os alemães notam que a Terceira Internacional é uma realidade, ao passo que a Segunda não é. Por trás da Terceira está todo o poderio do Estado russo, está o Exército Vermelho, a marinha e a força aérea russas, a NKVD. Por trás da Segunda, não há nada — nem sequer o Governo Trabalhista Britânico...

"Se os alemães querem um Estado, o que inevitavelmente que-

"Ignorará ele" (Vollmar) "a diferença que ha entre blanquismo e social-democracia? Ignorará que, para os blanquistas, o poder político deve ser conquistado por um punhado de emissários, em nome da classe operária, ao passo que para a social-democracia é à própria classe operária que cabe esta tarefa".

Ainda o S.E.R. e as cooperativas

tivas. O cooperativismo exige uma grande dose de idealismo, de dedicação, que, pela próprias palavras do sr. Fabio da Luz Filho, não se encontram nos funcionários do S. E. R., que só se movem à custa de ordenados.

O serviço de propaganda do Ministério de Agricultura é inoperante e sua ação não alcança nem as massas urbanas. As tarefas de auxiliar a organização das cooperativas limitam-se ao mínimo de fornecimento de modelos de estatutos. Nunca se viu um

funcionário da seção de cooperativas do Ministério da Agricultura nos distritos agrícolas isolados e afastados. Não se conhecem nos meios urbanos e rurais ações dos propagandistas do S. E. R. Sua função é apenas elaborar circulares exigentes e obrigar as cooperativas a cumprir as disposições excessivas da lei. O S. E. R. nunca designou funcionários itinerantes para auxiliar, para ensinar os administradores de cooperativas urbanas e rurais. Muitos desses, cheios de boa vontade, fracassam porque não contam com elementos que os instruissem ou lhes fornecessem indicações que evitariam maus negócios ou erros administrativos.

Sabem muito bem os funcionários do S. E. R. que custa caro o material tipográfico e de escritório exigido para a organização de cooperativas, tanto mais que ha modelos impostos pelo S. E. R. Este, se de fato fosse um órgão eficiente, deveria fornecer às comissões organizadoras de cooperativas todo o material necessário com listas nominativas, títulos nominativos, fichas, livros de contabilidade e de matrícula e tudo o mais necessário à formação.

Se o S. E. R. não fosse um mero órgão burocrático, não seriam necessárias as exigências de certidões e registros jurídicos. A requisição das comissões organizadoras de cooperativas, o S. E. R. enviaria, à sua própria custa ao local de fundação da cooperativa que legalizaria, para os fins de registro no próprio S. E. R. todos os documentos necessários a esse registro.

Tais medidas seriam de fato facilidades de organização às cooperativas. Como as coisas estão atualmente, para que uma cooperativa possa ser organizada exige uma despesa imensa, despesa essa que, muitas vezes, reduz substancialmente o capital inicial.

Os homens do S. E. R. que volta e meia fazem praça de seus "sacrifícios" não querem na verdade, a expansão das cooperativas no Brasil. Querem apenas bons ordenados e a manutenção dos empregos. Dai a questão fechada que fazem da permanência da lei 22-239, verdadeiramente anti-democrática e, além disso, anti-cooperativista. A prova dessa afirmativa, teremos, brevemente, na reforma que está sendo elaborada. Serão mantidas e aumentadas as exigências. Nenhuma iniciativa de ordem prática será tomada para facilitar a organização e o funcionamento das cooperativas.

Onde estão os...

(Continuação da 1ª pág.)

ao Partido Comunista, negando-se a assumir cargos que lhe ofereciam preferiu ser um simples operário da indústria. Fez-se estimar por todos os que o conheceram. Em 1929 a GPU o condenou sem julgamento, mas um grande movimento internacional de protesto o libertou em 1931. Dos nomes que subscreveram o protesto que o pôs em liberdade destacam-se Romain Rolland, George Duhamel, Boris Souvarine, Heinrich Mann, Luigi Fabri Henri Barbusse, Fernando de Los Rios e Jacques Mesuli. Encontrai Ghezzi ao sair da prisão. Continuava admirando a causa soviética sem porém abandonar suas convicções. Viveu uma vida dura de operário. Quando em 1937 por ocasião dos sangrentos processos de Moscou, desapareceu novamente e desta vez, nada mais pude saber dele. Os auxílios em dinheiro que sus amigos lhe mandaram foram devolvidos aos seus remetentes. E já se vão oito anos...

Otelo Gaggi, operário toscano, sindicalista, condenado a 30 anos de prisão pelos tribunais de Arezzo, por haver defendido sua aldeia (San Giovanni di Valdarno) contra os camizas pretas. Encontrou azilo na Rússia, onde viveu 14 anos. Em 1935 foi detido por ocasião das prisões em massa. Em 1936 solicita em vão para im combater na Espanha. Os militantes espanhóis que

apoiavam seu pedido não tiveram qualquer resposta.

Luigi Calligaris, socialista, depois comunista, militante em Trieste diretor de um jornal clandestino sob o regime fascista. Esteve deportado em Lipari durante 5 anos (1926-32) ao fim dos quais se evadiu refugiando-se em Moscou. Detido sem acusação determinada em 1935, foi enviado para a região nórdica de Shengkoursb. Seu único crime fora ter pedido para abandonar a Rússia. Salvou-se de morrer de fome. Não mais tivemos notícias dele.

Não são estes os únicos casos. Em regra geral, os refugiados italianos, com raras exceções, foram encarcerados ou exilados. O respeito humano nos obriga a esperar que alguns casos, talvez Ghezzi, Gaggi, Calligaris, estejam ainda vivos mesmo que presos. Togliatti conhece estes casos a fundo e também os prontuários destes nomes. A seção italiana do Comintern que ele dirigia foi muitas vezes consultada a este respeito. Togliatti era então em Moscou, o camarada Ercoli, membro do Comité Executivo da Internacional Comunista. Dirigia o Secretariado dos Países Latinos e viajava freqüentemente à Espanha. O próprio Togliatti roçara à prisão em 1930-31 quando encabeçara um setor clandestino, vinculado à tendência de Bukharin, o qual esperava poder modificar a linha de conduta e sobretudo os métodos administrativos internos do Comité Executivo do Comintern. A GPU interceptara uma parte de sua correspondência e o pôs na dura alternativa de escolher entre a sua exclusão a perseguição ou a colaboração. Atraído pelo seu camarada Angelo Tasca, membro do Executivo que foi logo excluído, o camarada Ercoli se manteve perfeitamente na linha a partir daquele dia.

Porém, o ministro do governo anti-fascista de Roma, Palmiro Togliatti assume, ao que parece, outros deveres para com seus concidadãos deveres esses distintos dos que tinha como funcionário do Comintern. Seu dever agora será o de informar aos anti-fascistas italianos e aos homens de boa vontade para os quais a liberdade de opinião e a vida humana têm algum valor, qual foi sorte que tiveram os refugiados italianos desaparecidos na URSS. Esperamos que lhe seja apresentada esta pergunta. Que aconteceu a Francisco Ghezzi, a Otelo Gaggi, a Calligaris e a tantos outros? Se estão mortos, como foi que morreram? Se ainda vivem quais são as razões de força, admissíveis às consciências anti-totalitárias, que se opõem ao seu retorno ao país, de onde nunca quiseram sair ao qual tem revirado nas lutas, e que agora se está libertando dolorosamente depois de 22 anos de fascismo?

O camarada Ercoli deve responder a estas perguntas. (De "Reconstruir", maio, 1947)

H. L.

A independência...

(Continuação da 1ª pág.)

ao próprio Estado, que, ligados por milhões de fios ao capital, é também um capitalista. A transformação dos sindicatos em órgãos auxiliares do governo torna os sindicatos uma caricatura uma mistificação. Os sindicatos perdem toda a força. São forçados às regras traçadas pelo governo, que, com poderes de intervenção nos sindicatos e com a sua força armada, obriga os sindicatos a se curvarem às suas ordens.

Já Rosa Luxemburgo, no seu famoso "Reforma ou Revolução", escrito em 1899, previa dificuldades crescentes para o movimento sindical. Escrevia a grande revolucionária: "Uma vez que o desenvolvimento da indústria atinja o seu apogeu e começa, para o capital, no mercado mundial, a fase descendente, a luta sindical redobrará dificuldades: primeiramente porque se agravará para a força-trabalho as conjunturas objetivas do mercado pois aumentará muito menos a sua procura em relação à oferta, o que não se dá atualmente; segundo, porque o próprio capital, para contrabalançar as perdas sofridas no mercado mundial, se esforçará com tanto maior energia para reduzir a parte que toca

aos operários. Com efeito é a redução dos salários, segundo Marx, um dos principais meios de impedir a diminuição da taxa de lucro."

A situação atual comprova a justeza das previsões de Rosa Luxemburgo. O desenvolvimento do capitalismo chegou a tal ponto que, "para contrabalançar as perdas sofridas", a crise que o ameaçava de destruição, o próprio capitalismo, mobilizando as tropas fascistas, liquidou as antigas reformas, liquidou os sindicatos, transformando-os em agências do próprio Estado.

Está claro que os sindicatos precisam reconquistar a perdida independência para que possam para defender a parte que toca aos operários, impedindo a redução dos salários.

Os sindicatos, somente poderão pretender desempenhar qualquer papel em prol dos interesses da classe operária reconquistando a independência. Mas, mesmo essa independência, não tornará a atividade sindical fácil. Esta será sempre cada vez mais difícil e egírra de todos uma permanente luta para a manutenção de sua independência, que será sempre o alvo de reacionários e totalitários.

Os métodos "políticos" de Borghi

Hugo Borghi e o seu Partido Trabalhista Popular estão se preparando para as próximas eleições municipais. Borghi não pretende desenvolver uma campanha nacional ampla, porém de fato só quer "conquistar" alguns municípios paulistas, para garantir a sua reeleição e as suas manobras no campo estadual e federal. Borghi precisa de algumas prefeituras paulistas, pois acalenta ainda o sonho de ser governador de São Paulo.

Borghi arrebanha para o seu P. T. P. todos os descontentes do P. T. B. e quer conquistar a massa de qualquer jeito. Para as eleições de janeiro deste ano, empregou ele como recurso eleitoral as "tendas trabalhistas", onde eram vendidos generos alimentícios envolvidos em propaganda eleitoral. Agora, o homem do algodão verificou que é preciso lançar alguma "novidade". E esta "novidade" consiste na aquisição de lotes de terrenos em cidades do interior, para a construção de "vilas" do P. T. P.

O milionário do algodão do Banco do Brasil, que se fantasia de líder trabalhista, emprega assim os meios mais desmoralizantes para adquirir votos. O P. T. P. é no fundo uma agência de negócios. Explora "tendas" de generos alimentícios e será o cobrador dos alugueis das "vilas" borghistas. Fornecerá casa e co-

mida. Não está longe o dia em que Borghi, para conseguir mais alguns votos financiará casas suspeitas, para deleite de seus partidários. Borghi não se prende a nenhum princípio moral. Para ele, todos os meios servem desde que possam resultar em votos.

Esse estranho P. T. P. que se intitula partido operário, apresenta para candidato a prefeito da prospera cidade de Araraquara um industrial o Luppó, dono da maior fabrica de meias do país estabelecida naquela cidade paulista, que a quer dominar de qualquer maneira.

Luppó tem dinheiro e pode ajudar financeiramente Borghi, cujos empréstimos aos P. T. B. não foram e não serão pagos.

OS SOCIALISTAS DE FRANÇA CONTRA A VISITA DE EVA PERON

Uma verdadeira tempestade se desencadeou no seio do Partido Socialista francês a propósito da próxima visita da sra. Eva Perón à França.

A seção parisiense desse partido, tradicionalmente esquerdista, já protestou contra qualquer sugestão de que a senhora Perón seja oficialmente recebida, quer pelo Presidente da República, quer pelos ministros de Estado.

Esse protesto criou uma situação difícil, por isso que tanto o Presidente como o Primeiro Ministro pertencem ao Partido Socialista.

ROSA LUXEMBURGO

CARTA ABERTA DE UM LIDER SOCIALISTA A WALLACE

O líder socialista Norman Thomas, numa carta aberta a Henry Wallace, pergunta: "Rejeita V. S. a teoria de que o totalitarismo comunista, usando seu exército e seu outro exército, o movimento comunista internacional, está infatigavelmente, paciente e ousadamente procurando alcançar o domínio mundial?" Thomas escreveu na qualidade de presidente do Conselho do Após-Guerra que é uma organização privada. E acrescentou: "Se V. S. rejeitar essa teoria, como explica as táticas russas na Coreia, Manchúria, Balkans, Hungria, Áustria, Alemanha — ou seja, a política dos partidos comunistas em todo o mundo? Qual a distinção que faz — exceto no que diz respeito ao racismo — entre as táticas dos totalitarismos fascista e comunista?"

Antes de atacar o tema de hoje — o restabelecimento do controle do câmbio pelo Banco do Brasil — desejamos tecer algumas considerações em torno da nossa posição e dos nossos objetivos a testa desta seção de VANGUARDA SOCIALISTA. Escrevendo desde o primeiro número deste jornal os comentários econômicos aqui publicados, temos unicamente visado esclarecer aqueles dos nossos leitores que, preocupados com outros problemas não podem ou não querem manusear os livros especializados, nem consultar as publicações oficiais onde se vulgarizam os algarismos e os gráficos da produção e do comércio brasileiros. Jamais tomamos posição contra ou a favor dessa ou daquela diretriz governamental, nem objetivamos extinguir esse ou aquele indivíduo, eventualmente na direção de qualquer dos setores da administração pública.

Assim, analisando o relatório anual do Banco do Brasil, ou

ASPECTOS ECONÔMICOS

INCOMPLETA E TARDIA

comentando, como o fazemos hoje, a medida governamental que restaura o regime das licenças prévias para as importações, não visamos a destruição do presidente do Banco do Brasil, como não é propósito nosso tomar posição contra a política financeira do governo, de que o dr. Silveira é mero executor. Afirmamos apenas que a situação nacional seria de bonança e que o povo brasileiro estivesse sofrendo menos ou que a adoção dessa política financeira pudesse tornar mais volumosa a produção brasilei-

ra de bens de consumo e de produção.

A crise brasileira que nos é dado assistir agora não é uma simples crise conjuntural; ela é sobretudo uma crise estrutural: o regime de produção em vigor já não satisfaz, já não atende às necessidades do povo brasileiro. Por isso temos repetidamente afirmado que "só uma grande transformação das relações de propriedade será capaz de promover a produção e a distribuição da riqueza nacional no sentido de atender e satisfazer as necessidades do povo brasileiro".

Se o Brasil não está exportando, se a nação está às portas da bancarrota, por tais fatos não responde pessoalmente o general presidente da República, nem muito menos o seu preposto, o presidente do Banco do Brasil. O fato concreto, real, é que, se não está o país vendendo para o estrangeiro na proporção que fôra para desejar, é porque ou não tem o que exportar, ou porque os seus produtos, especialmente os manufaturados, foram expulsos pelos similares norte-americanos dos mercados que o ufanismo caboclo dava como definitivamente conquistado pelo Brasil. Aquele dos produtos da indústria nacional

que poderia estar sendo mandado para o estrangeiro, o único aliás que produzimos em maior volume do que é consumido pelo mercado interno acanhado são os tecidos de rayon e de algodão; estes, porém, foram justamente liquidados pelo similar japonês mandado pelos Estados Unidos para os mercados sul-americanos na luta que iniciaram pelo domínio absoluto por ditos mercados. Tomamos assim, gostosamente, a posição de Mário Pedrosa: não há como ficar contra o dr. Guilherme da Silva ou a favor deste contra os que advogam a continuação da "receita melfistofélica" das emissões de papel moeda inconversível, responsável, certamente, por muitos dos males que nos afligem. Nem uma nem outra política econômica evitaria ou resolveria a atual crise brasileira. Isto dito, passemos ao nosso assunto.

Está causando geral estupefação nos meios do comércio importador a decisão governamental de restabelecer o regime das licenças prévias para as compras que o país efetua no estrangeiro, pois tal determinação importa na confissão tácita da falência da política financeira adotada pelo governo. O controle das importações restabelecidas poucos dias depois de haver o presidente do Banco do Brasil anunciado, com a publicidade que tanta estranheza causou, que "as condições financeiras de nossa mercado cambial permitiram a supressão das restrições que ainda restavam do período da guerra", mostra, não há como contestá-lo, a desorientação que, pelo menos em assuntos financeiros, reina no seio do governo da república. Tal medida, tomada assim de afoadação, não pode deixar de significar que se esgotaram as disponibilidades do Banco do Brasil no estrangeiro e, mais do que isto, que os responsáveis pela direção dos negócios públicos foram apanhados de surpresa. Nós outros, porém que tantas vezes afirmamos representarmos ditos saldos sacrificados sem par feitos pelo povo brasileiro, só de uma coisa nos ad-

miramos: é que tais saldos não se tenham consumido a mais tempo. Outros não foram os motivos que nos levaram a afirmar, daqui mesmo; "lastimável é que as conclusões a que chega o presidente do Banco do Brasil, ao analisar os gráficos e os algarismos existentes no relatório anual do Banco do Brasil, estejam em desacordo com a realidade brasileira".

Menos de 60 dias são decorridos da publicação do relatório do Banco do Brasil, onde tão risonhas eram traçadas as perspectivas do futuro do comércio exterior do nosso país, e já o presidente do mesmo estabelecimento de crédito se vê na contingência de vir afirmar de público que tais perspectivas eram falsas também eram as previsões por ele traçadas quanto ao equilíbrio que se estabelecesse em virtude do aumento que se iria dar no volume das mercadorias importadas. O excedente das exportações sobre as importações "é o maior responsável pelo aumento contínuo dos nossos "superávits" em divisas, que, além de agravarem a pressão inflacionista interna, representam um enorme capital imobilizado no estrangeiro".

Longe, porém, estávamos de supor, apesar do pessimismo tantas vezes manifestado, que fossem tão precárias as condições das finanças brasileiras e muito menos que tão completamente se concretizassem as sombrias previsões que anteviamos para as relações comerciais do nosso país com o estrangeiro. Ainda recentemente, em artigo para este jornal, expressamos a nossa dúvida quanto ao otimismo do sr. Guilherme da Silveira, ao afirmar ser "lícito esperar, em 1947, perspectivas de menor desequilíbrio" na balança comercial do Brasil. Afirmamos, opondo a nossa à afirmação do presidente do Banco do Brasil, que, "à medida que os óbices apontados no relatório como fatores preponderantes para o retardamento da volta à normalidade do comércio importador forem removidos, e puder o Brasil importar tudo quanto necessita de máquinas e ferramenta

(Continua na 3.ª pag.)

SEMANARIO MARXISTA — CIRCULA AS SEXTAS-FEIRAS

Vanguarda Socialista

ANO II

Sexta-feira, 27 de Junho de 1947

N. 96

A Alemanha e o futuro da Europa

A Falência da Estratégia Política Exterior dos Estados Unidos

III

por HEINRICH LEDER (PARA "VANGUARDA SOCIALISTA")

A política de Marshall e Dulles levará os Estados Unidos à completa perda de suas posições na Europa. Mas é possível que só se veja isso quando a base para a resistência europeia contra o totalitarismo russo já estiver destruída. Há de chegar o dia — e provavelmente não tardará muito — em que o Congresso vote contra quaisquer novos compromissos financeiros, sem os quais o edifício de talpa construído pela América na Europa cairá por terra. Então os Estados Unidos terão de retirar-se às pressas do continente europeu. Pode-se fazer uma última tentativa de salvar alguma coisa estimulando a implantação de novas ditaduras, por exemplo a de De Gaulle na França. Mas tais regimes serão fracos e carecerão de financiamento em grande escala pelos Estados Unidos. Não conseguirão resolver o problema das massas desclassificadas, e serão portanto muito permeáveis à propaganda totalitária russa.

Finalmente, o imperialismo russo lançará mão de seu maior trunfo europeu — um apelo ao nacionalismo alemão por meio da organização de movimentos anti-ocidentais na Alemanha. Este apelo não terá por base o grupo estreito de elementos do Partido Comunista. O anseio de elementos de todas as classes sociais por uma nova unidade nacional e pela liberdade da pátria conduzirá facilmente à formação de uma oposição anti-occidental que estragará todos os belos planos traçados no papel pelo Sr. Dulles.

Os atuais governantes ou administradores da Alemanha provavelmente subestimarão as consequências do apelo russo aos alemães. Têm muita dificuldade de esses senhores em tirar a lição da experiência histórica. É muito mais fácil apoiar-se em uma burocracia obediente e em um aparelho policial de confiança. Talvez acreditem que um regime ditatorial centralizado não possa ser derrubado por uma povo desarmado, fisicamente esgotado e sem líderes. Nem mesmo a resistência organizada é uma ameaça séria quando pode ser rompida por medidas puni-

tivas sem que se tomem em consideração as vidas humanas. Uma tal tirania se manterá firmemente enquanto não existirem forças superiores que a combatam do exterior, ou enquanto não se verificar uma cisão na classe ou casta dominante. Mas em determinadas condições, em um Estado totalitário, as forças militares podem voltar-se contra as forças policiais mais detestadas, e paralisar o poder estatal central. Entra-se então em uma fase em que os movimentos de massas oposicionistas têm possibilidade de unir ou organizar as massas descontentes. Assim, estas podem apresentar-se como uma força social revolucionária. Foi o que aconteceu na Itália. Também a experiência nazista é valiosa. Os nazistas teriam podido facilmente reprimir os movimentos de oposição em tempo de paz, se nenhuma potência estrangeira desse auxílio material, militar e moral à oposição anti-nazista nos países ocupados. As grandes potências deram considerável estímulo e auxílio ao movimento subterrâneo anti-nazista em países como a França, a Bélgica, a Iugoslávia, a Grécia, etc., em tempo de guerra. Por isso, a oposição reforçou-se a tal ponto nesses países que os nazistas tiveram de tomar medidas repressivas draconianas e perigosas, enquanto que a compensação econômica diminuía rapidamente. Esta experiência devia ser meditada pelos donos da Alemanha de hoje, que podem estar certos de que uma oposição exclusivamente alemã não constitui perigo para eles. Mas esta certeza só é possível enquanto não se verificar o auxílio de uma potência estrangeira, ainda que motivado por interesses estratégicos ou táticos muito egoístas.

Os poderes de ocupação nada terão que recear de um movimento alemão de resistência no próximo futuro, desde que nenhuma grande potência o apoie. O exército bem alimentado e bem organizado de soldados, administradores e burocratas estrangeiros poderá controlar as massas esfomeadas com um aparelho militar relativamente pequeno, graças ao emprego das

armas mais modernas para o combate em pequena escala. Mas na vizinhança das zonas ocidentais está a Rússia. Os soldados americanos e ingleses podem ter escaramuças com os russos, que agora tiveram ordem de dar consólio e auxílio aos nacionalistas alemães e de inspirar ou fomentar movimentos nacionais de oposição ao ocidente na Alemanha. E aí estão as massas proletárias alemãs que, pela primeira vez na história da nação alemã, aprenderam que o internacionalismo é coisa sem sentido para um movimento progressista quando a nação mesma não é livre e independente.

Assim, a maré política está mudando na Alemanha. O espectro de uma oposição alemã ainda não é concretamente assustador aos comandos militares dos exércitos de ocupação. Mas estes não tardarão a descobrir que suas dificuldades administrativas tendem inevitavelmente a crescer. O número de "colaboradores" vai baixar. O trabalho de administração há de tornar-se cada vez mais perigoso e menos compensador. Economicamente os rendimentos mirrarão para as forças de ocupação. Populações civis famintas não constituem obstáculos administrativos de monta se as potências dominadoras podem empregar medidas implacáveis de "controle", inclusive a mais rigorosa censura ao noticiário da imprensa, sem temer consequências políticas. É verdade, também, que não há hoje na Europa um movimento operário internacional que se oponha à política de pauperização das massas proletárias alemãs, a despeito do fato de haver representantes "trabalhistas" nos governos de vários países europeus. Os burocratas sindicais e os dirigentes trabalhistas da Tchecoslováquia, da Polónia, da França e mesmo da Inglaterra acumpliciarão na escravização dos trabalhadores alemães e colaborarão na "conspiração do silêncio" a respeito da Alemanha. Esta "conspiração do silêncio", entretanto, em breve perderá a eficácia, quando os totalitários russos receberem ordem de a quebrar. Para isso, eles se utilizarão das oportunidades políticas que surgem com o aparecimento de massas desclassificadas na Europa, e especialmente na Alemanha.

As potências ocidentais estão caminhando para um impasse. Não podem entregar a Rússia o controle da Alemanha, porque com isso ficariam impossibilitadas de defender as posições ocidentais no continente. A Rússia tragará toda a Europa, com o auxílio da Alemanha, como Estado satélite. A capacidade produtora que atualmente está abafada e cuja utilização é hoje bida na Alemanha não iria trabalhar para a transformação socialista pacífica da Europa. Poderia ser empregada em reforço do poderio militar da Rússia e em apoio ao regime totalitário.

Os porta-vozes da administra-

ção em Washington afirmaram que a política de apaziguamento do expansionismo russo chegou ao fim. Nenhuma expansão mais será permitida, porque já se chegou ao limite máximo, do ponto de vista da política defensiva russa. Qualquer nova expansão possibilitaria à Rússia colocar em situação verdadeiramente perigosa a segurança da América. Mas o desafio americano à expansão moscovita limita-se às ações diretamente bélicas. A ação de solapar as posições políticas na Europa Central, decorrente do aparelhamento

(Continua na 3.ª pag.)

O MOVIMENTO FASCISTA CRIA CORPO NA ITALIA

Dia a dia torna-se mais evidente a existência de um movimento neo-fascista que procura criar raízes em várias partes da Itália, à medida que o povo, abrangendo todas as classes, torna-se mais descontente com a atual situação política e as condições econômicas e sociais do país.

O movimento ainda não está organizado, faltando-lhe unidade. Além disso, é dirigido por diferentes líderes, os quais não se entendem.

Seus diversos ramos, espalhados pela nação, movimentam-se num sentido comum e a matéria prima e a vontade de um retorno, aí estão. Frequentemente a polícia descobre esconderijos de armas e munições — e não se trata de armas de fogo de porte, mas sim de metralhadoras pesadas, morteiros e bombas. Guglielmo Giannini, o ambíguo e ambicioso líder do movimento da extrema direita, chamado "Uomo Qualunque", e que abriga muitos fascistas, escreveu recentemente:

Se Mussolini ainda estivesse vivo, livre ou preso, poderia preparar-se para um formidável golpe, fascinante para um grande jogador que conhece e antecipa o gosto acre do êxito. O povo italiano, cansado, desherdado e desgostoso como se acha, esquecerá rapidamente a tremenda carga de pecados que se empilharam sobre a memória de Mussolini, gritando-lhe: "Tome de novo o leme, e acabe com isto!"

Isto pode ser perfeitamente uma maneira obliqua, sendo venenosa, de apresentar a disposição geral e o temperamento dos italianos de hoje.

Mas, de uma forma ampla, reflete a conclusão a que chegaram muitos observadores independentes, os quais, com seus

contactos diários com pessoas de classes diferentes e diversas profissões, ouvem os mesmos extenuantes seus desesperos com "o caos econômico, político e social em que a Itália foi lançada".

Entretanto, deve-se notar que a massa das acusações contra o governo e os partidos políticos, e a violenta crítica a tudo o que fazem, vem principalmente das classes alta e média, que concordam em culpar a "Democracia" por todas as dificuldades em que se debate a Itália atualmente.

Ao mesmo tempo, o descontentamento e a agitação acham-se maduras entre as massas. Sentem-se roubados nas suas expectativas nascidas no dia da libertação, há mais de dois anos; acham-se inclinados a descrever de seus líderes, caçam das promessas oficiais de que as coisas melhorarão; comentam com cinismo todas as comunicações do governo, de que serão tomadas tais e tais medidas afim de erguer o padrão de vida do povo e trazer ordem e segurança à nação.

O fato é que grandes setores do povo italiano, com poucas embora notáveis exceções, tem pouca — ou nenhuma — na democracia parlamentar. Uns vão mesmo ao ponto de declarar ser necessário um governo forte, de um homem ou de um partido. Sintomático desta opinião é a frase pixada por toda parte em Trastevere, o bairro baixo de Roma, de um autor anônimo: "Que volte o Sujo". Quando Mussolini era vivo, os romanos apelidaram-no "O Sujo" — "Er Puzzone", que no dialeto local significa uma pessoa usada para fins inconfessáveis e contra quem a gente deve se precaver.

No meio deste clima psicológico, onde se acham misturadas em várias proporções o descontentamento, a desgraça, o desamparo, o desemprego (havia 2.177.000 desempregados em fins de abril) e acima de tudo o medo, não é de causar surpresa a verificação de que as sementes do Fascismo, ou seu equivalente, estão germinando abundante e rapidamente.

O Fascismo está ressurgindo. Naturalmente não apresenta suas velhas formas e aspectos. É uma nova versão de reação nascida da desesperança, da amargura e de um pensamento ardente; mas é ainda, essencialmente e inevitavelmente, Fascismo.

É significativo que a chamada imprensa neo-fascista está se tornando cada vez mais explícita na sua propaganda, desavergonhada no louvor ao regime de Mussolini, firme nos causticos ataques à Esquerda e ao Centro, cuidadosa na bajulação de tudo que é americano, insidiosa na deprecição de tudo que é britânico. A União Soviética, evidentemente, é a sua "bate-noire" e qualquer coisa é pretexto suficiente para apresentá-la como o arqu-inimigo.

Em conversas particulares, ouvem-se conselhos e advogados criticar violentamente, sem reservas, tanto entre os Diretistas que são todos, sem exceção, a favor do Capitalismo (versão Estados Unidos) como entre os Esquerdistas, em bora em menor grau, e eles todos são a favor de uma experiência Socialista. Os moderados são ou ignorados simplesmente, ou apontados com a picha de fracos.

Nos círculos da direita ouvem-se insinuações veladas de "um golpe vermelho", enquanto que nos círculos da esquerda ouvem-se as mesmas acusações feitas contra os "negros". O quanto há de verdade nestas alegações, o leitor não pode dizer. Mas é um fato comprovado que o país está atulhado de armas e munições prontas para serem usadas. Atiram-se bombas nas sedes dos Partidos da Esquerda. "Slogans" fascistas são pintados em letras garrafais em todas as paredes, tais como: "Temos armas suficientes", "Estamos esperando a nossa vez", "Viva El Duce", "Nós voltaremos", "Abaixo a Democracia", etc.

Quase todos os dias passam-se "volantes" clandestinamente, elogiando Mussolini e o Fascismo, enquanto as Igrejas celebram Missas pela memória de Mussolini.

A greve dos marítimos nos Estados Unidos

O assistente do secretário do Trabalho dos Estados Unidos, John W. Gibson, esteve recentemente em Nova York a fim de envolver esforços no sentido de "solucionar imediatamente" a greve, sem precedentes no país dos marítimos norte-americanos filiados ao Congresso das Organizações Industriais.

Chegando repentinamente de Washington, o sr. Gibson iniciou imediatamente conferências com os representantes dos sindicatos e das companhias de navegação. Sabe-se que os portuários pros-

seguiram em seus trabalhos nas docas desta cidade, porém um porta-voz do sindicato dos marítimos afirmou que mais de 600 operários deixariam o trabalho a bordo do transatlântico "América" o maior navio de passageiros dos Estados Unidos.

A Associação das Ferrovias Norte-americanas manifestou-se pronta a embargar toda a carga destinada aos portos de embarque se os acontecimentos revelarem que as mercadorias ficarão empilhadas nas docas em virtude da greve.

Assina

"VANGUARDA SOCIALISTA"

O jornal do proletariado